

O GÊNERO E A SEXUALIDADE DITOS PELA MÍDIA IMPRESSA NEOPENTECOSTAL: O EFEITO METAFÓRICO

Wellton da Silva de Fatima

Orientadora: Profa. Dra. Bethania Mariani

Mestrando

RESUMO: Inscrita no quadro teórico-metodológico da Análise de Discurso de linha francesa, mais especificamente aquela filiada aos domínios do conhecimento trabalhados por Michel Pêcheux (1969[2014]; 1975[1995]) na França e Eni Orlandi no Brasil (1987), esta pesquisa se dedica a apresentar resultados parciais do projeto de dissertação de mestrado a ser defendido no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da UFF versando sobre o discurso da/na mídia impressa religiosa neopentecostal, mais especificamente aquele materializado nas páginas do jornal *Folha Universal da Igreja Universal do Reino de Deus* (IURD). Nesta etapa, que resultou no presente trabalho, à luz do conceito de efeito metafórico, tal como é trabalhado nos domínios teóricos da AD, percorremos a forma como o gênero e a sexualidade são ditos pelas páginas do supracitado jornal. Observamos as condições de produção, a relação que se estabelece com a memória, confrontando esses dizeres à existência de um interdiscurso. Destacamos, ainda, determinadas regularidades no que se refere à sintaxe, colocando em análise a autonomia relativa da língua no que se refere à sua ordem. Em nossos resultados parciais, temos compreendido que intervêm nos dizeres da mídia impressa neopentecostal memórias ressoadas de três domínios discursivos: o médico, o jurídico e o religioso. Temos percebido, ainda, que o modo de dizer da mídia impressa confronta-se com condições de produção específicas da forma-sujeito atual e de uma determinada noção de direitos e deveres, nos quais atual uma política do silêncio (ORLANDI, 2007) que determina o modo de dizer o gênero e a sexualidade inscrevendo-o como *mal dito*.

PALAVRAS-CHAVE: discurso religioso, efeito metafórico, mal dito.

O efeito metafórico e seus desdobramentos

*Há quem diga que eu dormi de touca
Que eu perdi a boca, que eu fugi da briga
Que eu caí do galho e que não vi saída
Que eu morri de medo quando o pau quebrou*

*Há quem diga que eu não sei de nada
Que eu não sou de nada e não peço desculpas
Que eu não tenho culpa, mas que eu dei bofeira
E que Durango Kid quase me pegou*

*Eu, por mim, queria isso e aquilo
Um quilo mais daquilo, um grilo menos disso
É disso que eu preciso ou não é nada disso
Eu quero é todo mundo nesse carnaval*

Eu quero é botar meu bloco na rua[...]

Sérgio Sampaio

Iniciamos a nossa discussão sobre o conceito de efeito metafórico em Pêcheux (2014[1969]) partindo de uma pergunta pertinente: “[...] Existe, pelo menos, um discurso no interior do qual x e y¹ sejam substituídos um pelo outro sem mudar a interpretação desse discurso?” (PÊCHEUX, 2014 [1969], p. 94).

Cientes de que a discussão sobre o efeito incide diretamente sobre o dispositivo de interpretação que está em jogo no processo de produção de sentido de determinadas materialidades significantes, tomamos a metáfora aqui como uma substituição, isto é, um procedimento possível a partir de uma cadeia parafrástica.

É, portanto, a partir de procedimentos de substituição de um determinado termo por outro, que se pode aferir uma suposta “equivalência de sentido” entre diferentes materialidades. Coloca-se, aí, uma questão sobre os limites entre o mesmo e o diferente através das paráfrases.

A noção de sinonímia comparece nesta discussão para se demonstrar que as relações de “vizinhança” obedecem a regras específicas para que essa sua proximidade – colocada a partir de sentidos “vizinhos” - se estabeleça e não, de outro modo, coloque em cheque aquilo que está semanticamente organizado.

A discussão feita por Pêcheux (2014[1969]), inclusive, aponta para a necessidade de “[...]” por prudência, considerar que todas as sinonímias são contextuais [...]” (PÊCHEUX, 2014 [1969], p. 95). Isso se dá, ainda de acordo com o autor, para um tratamento não generalizante ao observar o confronto que se estabelece entre formas variadas na superfície do texto.

1 Sendo x e y termos de uma mesma categoria gramatical, de acordo com Pêcheux (2014 [1969]).

Para nós, o efeito metafórico comparece como resultado – no que tange à produção dos sentidos e sua formulação – de determinadas substituições no nível da língua e que acarretam em efeitos entre interlocutores. Tais efeitos, caso não obedeçam as condições específicas de substituição contextual apontadas por Pêcheux (2014 [1969]), incidem sobre o processo de significação em curso deslocando o sentido através dos mecanismos básicos de produção de sentidos: a paráfrase e a polissemia.

É, portanto, a partir do questionamento dos limites entre o mesmo e o diferente através dos conceitos de paráfrase e polissemia como desdobramento do efeito metafórico que retornamos ao nosso *corpus* para compreender a forma como sentidos deslizam instaurando, através do político na linguagem, correlações e disjunções entre formações discursivas antagônicas no que se refere à temática do gênero e da sexualidade no domínio da religiosidade neopentecostal.

Antes de passar às breves análises obtidas por nossos resultados parciais, teceremos algumas considerações sobre o que temos chamado de mídia impressa neopentecostal.

A mídia impressa religiosa neopentecostal

Temos observado muitas especificidades com relação ao nosso objeto empírico: o jornal *Folha Universal da Igreja Universal do Reino de Deus*. Tais especificidades tem convocado diversas implicações ao considerarmos as condições de produção e as memórias possíveis que retornam sobre os dizeres do jornal se remetidos à existência de um interdiscurso.

Mariani (1996) ao teorizar sobre o discurso jornalístico político, mobiliza a noção de imprensa para refletir sobre os modos de engendramento de determinadas práticas discursivas que se delineiam nas páginas dos jornais cariocas sob o funcionamento da divisão dos sentidos e das formações ideológicas comuns ao domínio político.

De outro modo, o que nos comparece como questão são os diversos domínios do religioso – e do não religioso – que se diluem pela prática discursiva do jornal que, por sua vez, orienta-se a partir da filiação a um certo domínio do religioso: aquele injuntivo à *Teologia da Prosperidade*.

Temos insistido, inclusive, na denominação “neopentecostal” por, a partir dela, se caracterizar a demarcação de um território – sempre heterogêneo – de um domínio

religioso. Tal domínio se diferencia de muitos outros, principalmente pela sua inserção no plano espiritual através da qual se propõe a resolução (leia-se cura) de angústias, aflições e sofrimentos das mais diversas ordens: dentre elas, interessa-nos os relatos que colocam em causa o exercício de determinadas maneiras de se estar no gênero e na sexualidade que, de certa forma, deslocam o sujeito de uma posição confortável – estamos pensando o “conforto” pragmático daquilo que é semanticamente organizado – se tencionada às maneiras sócio historicamente legitimadas de se vivenciar a sexualidade em nossa formação social.

Pretendemos demonstrar, com a análise de nosso objeto, que a entrada da *Igreja Universal do Reino de Deus* no campo das mídias – mais especificamente a mídia impressa – não é sem fortes consequências no modo como são semantizadas determinadas questões.

Referimo-nos, nesta passagem, tal como discutimos anteriormente (FATIMA, 2016), através de Orlandi (1987), ao fato de haver uma imbricação de vozes autoritárias pelas quais se formulam os dizeres no interior do jornal: nele se fala a voz de Deus, através da instituição religiosa e, também, se fala a voz do especialista, através do colunista/jornalista que escreve no jornal por meio de uma determinada posição. Imbricam-se, aí, duas modalidades de discurso autoritário: o religioso e o jornalístico.

Breves análises

Em nosso *corpus*, uma regularidade salta aos olhos: o apagamento de certas denominações, aquelas que, em outra formação discursiva poderiam designar práticas sexuais e/ou afetivas que não se enquadram naquilo que é confortável a uma formação social cisheteronormativa.

Palavras como transexual, bissexual, homossexual e seus derivados tem baixíssimas ocorrência, o que, por sua vez, demonstra um apagamento operando nos processos discursivos pelos quais se produzem e se formulam os sentidos no interior do jornal.

Embora algumas palavras estejam interdidas, os sentidos, no entanto, sobre práticas sexuais e afetivas não cisheterossexuais estão presentes nos dizeres do jornal de um certo modo.

As discussões que temos organizado até aqui a respeito dos desdobramentos do conceito de efeito metafórico e sua relação com os mecanismos de paráfrase e polissemia tem nos levado a pensar a relação entre o dito e o não dito.

Dizer é um gesto que se dá sob o funcionamento do esquecimento número 2 (ORLANDI, 2013), que é da ordem da formulação. O sujeito sob o efeito de uma determinada ideologia diz de certo modo, esquecendo-se que há outras maneiras possíveis de se formular um sentido sobre algo. Entra, aí, em ação o regime das paráfrases que, evidenciando as diferenças entre formações discursivas antagônicas, colocam em tensão o mesmo e o diferente em sua relação contraditória.

Transcrevemos, aqui, portanto, duas de nossas sequências discursivas sobre a qual refletiremos sobre as questões até aqui trazidas.

SD1 → “Me tornei uma pessoa complexada, me achava feia e me sentia muito insegura. Então resolvi ser diferente. Passei a me envolver com várias pessoas, inclusive com mulheres, para chamar atenção dos outros. Eu não sabia o meu valor.’, lembra.” (Edição 1274, p.29)

SD2 → “Aos 16 anos, ela se envolveu com um traficante e engravidou dele. O rapaz não aceitou a gravidez e a ameaçou de morte. ‘Eu tive que fazer o aborto, mas quase morri no procedimento, pois perdi muito sangue, fiquei fraca. Cheguei a manter relações sexuais com animais e praticava orgias com homens e mulheres’, diz.” (Edição 1284, p.29)

Observando a SD1 e tendo em vista o que discute Michel Pêcheux (2015, p.26), em O discurso: estrutura ou acontecimento, sobre uma cadeia de paráfrase possível, podemos nos indagar, a respeito da forma como os sentidos de uma *sexualidade outra* é formulada, sobre de que outras maneiras tal sexualidade poderia ser enunciada.

Nesta SD, o que se formula é um passar a se “envolver com várias pessoas, inclusive mulheres”. O gesto de formulação se dá no sentido de caracterizar o que seria

interpretado em outra formação discursiva como uma relação lésbica ou bissexual como um envolvimento.

Não obstante, o termo “envolvimento” convoca para o processo de significação uma certa memória. Ao confrontarmos a materialidade “envolver” com outras materialidades de uma cadeia parafrástica possível, percebemos o deslocamento que se dá, por exemplo, em relação aos sentidos possíveis caso, em vez de envolvimento, fossem utilizados termos como “relacionamento”, “caso”, “ligação”, entre outros.

O ato de se “envolver”, embora compareça como uma sinonímia contextual para, por exemplo, o ato de “relacionar”, desloca a investidura de sentido possível em um leque de possibilidades que se coloca pela formulação.

De modo semelhante, o modalizador “inclusive” presentifica a estranheza que se quer projetar ao sujeito/leitor/fiel, a partir do jogo das formações imaginárias, sobre o ato de uma mulher se relacionar “até mesmo” com outras.

Sabemos que funcionam, no discurso religioso, silêncios, apagamentos, e processos de identificação que instauram especificidades nas formações discursivas que delimitam o que pode e deve ser dito (PÊCHEUX, 1995 [1975]) no domínio da religiosidade. É dessa forma que, a partir da ordem de formulação, indagamos à cadeia parafrástica possibilidades outras de inscrição do dizer, a fim de perceber a divisão dos sentidos em relação a outras formações discursivas antagônicas nas quais as sexualidades não são semantizadas dessa forma.

Em um movimento de análise parecido e observando a SD2, o que se materializa, a partir da matéria que conta a história de Monique Duarte na coluna “Libertação”, são universais semânticos distintos em um funcionamento conjunto.

Além dos sentidos sobre aquilo que em outra formação discursiva seria lido como uma suposta bissexualidade, presentificam-se sentidos também sobre a zoofilia. Chamamos atenção para a cadeia de paráfrases possíveis nos determinantes que antecedem a enunciação do sexo com animais e do sexo com homens e mulheres.

A zoofilia comparece caracterizada como relação sexual, enquanto a bissexualidade comparece caracterizada como prática de orgias. Desse modo, a zoofilia é uma “relação” - ainda que puramente sexual – e a bissexualidade é não somente uma prática, mas uma prática de orgias.

Propondo um cruzamento entre essas duas maneiras de se relacionar a enunciação das práticas, objetivando perceber outras formas possíveis de se dizer, questionamos

quais efeitos de sentido se seguem à “escolha” de enunciar a bissexualidade não como uma relação e sim como uma prática de orgias.

Convoca-se para o processo de significação que incompreende a bissexualidade como uma possibilidade monogâmica, sugerindo-a em relação aos dois gêneros ao mesmo tempo. Dizer “prática de orgia” possibilita pensar a bissexualidade fora da noção de “relacionamento” já que, nos domínios da religiosidade neopentecostal, a poligamia é sentido interdito e, portanto, impossível.

Estamos atentos, também, aos efeitos de sentido que decorrem do encadeamento sintático e das implicações, para o processo de significação, que decorrem das presenças e das ausências presentes que se materializam pelas coordenações e subordinações no nível da sintaxe.

Ao enunciar aborto, perder sangue, manter relações com animais e orgias com homens e mulheres, possibilita-se, ao sujeito/fiel/leitor desatento engendrar uma relação de equivalência/proximidade entre essas práticas que, em outras formações discursivas, pertencem a ordens distintas.

Considerações finais

Como efeito de fechamento a essas breves considerações acerca de nossa dissertação em andamento, propomos uma leitura que questione as evidências que vão se engendrando nas páginas do jornal sobre essas sexualidades estranhas ao domínio do religioso.

Temos compreendido que, mais do que simplesmente contar históricas por meio das colunas, o jornal tematiza uma questão central pela qual outras vão se inscrevendo em regime de dispersão. É por essa dispersão que vão se institucionalizando determinadas formas de se dizer esse outro da sexualidade.

Esses sentidos – sempre negativos – que vão se instaurando nos dizeres do jornal *Folha Universal* fazem ressoar memórias de três domínios: além do próprio religioso, também do médico e da transgressão do jurídico.

Desse modo, é que os sujeitos contados pelo jornal são imaginariamente projetados como espiritualmente suscetíveis ao mal, de alguma forma fragilmente debilitados fisicamente e sempre nos limiares da transgressão da lei. Isso está materializado, por exemplo, na “perda de sangue após o aborto” em SD2 e no “complexo” em SD1, em que intervém o domínio médico e, também, em SD2 na “zoofilia” e da prática

do “aborto” que, sendo considerados crimes com pena prevista no código penal, presentificam a transgressão ao jurídico.

Finalizo justificando sempre a importância desta pesquisa que visa perceber os modos, quase sempre discretos, pelos quais ganham espessura as formas de se investir sentido nas sexualidades aqui tidas como desviantes.

Em tempos de legitimação, por parte do jurídico, da proposta de cura para a homossexualidade e afins, urge-se a compreensão das práticas discursivas que ressoam nesse domínio do saber. Em uma formação social cada vez mais pautadas pelo jurídico, uma medida como essa dá a tônica e funda a possibilidade de retorno de memórias que se pensavam estar recalçadas e que retornam por meio de seus efeitos de pré-construído significando determinados sujeitos em um lugar que, pela voz deles mesmos, não se reivindicava.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FATIMA, Wellton da S. **Igreja, Ideologia e Discurso**: algumas questões. In: VII Seminário Alunos dos Programas de Pós-graduação do Instituto de Letras (SAPPIL) UFF, 2016, Niterói. Anais do VII SAPPIL. Niterói: PPG UFF, 2016. v. 2.

MARIANI, Bethania. **O comunismo imaginário**: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989). Campinas: Unicamp, 1996.

ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 2ªed. Pontes. Campinas, 1987.

ORLANDI, Eni. **Análise De Discurso: Princípios e Procedimentos**, 11 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

ORLANDI, Eni. Paráfrase e Polissemia: a fluidez dos sentidos no limite do simbólico. **RUA**, Campinas. n. 4, p. 9-19, 1998.

PÊCHEUX, Michel. **Análise Automática do Discurso (AAD-69)**. In: GADET, F. e HAK, T. (org.) Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux, Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 7ª ed. Pontes: Campinas, 2015.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1995 [1975].